

Efeitos das Mudanças

22 JUL 1992

As últimas estimativas sobre o desempenho da economia apontam um crescimento do PIB superior a 3% este ano, aumento real, comparado com a atual taxa de natalidade de 1,5% ao ano. Entretanto, diante da estatística de demissões na indústria, que engrossam o contingente dos ambulantes e camelôs e desempregados nos centros urbanos, fica a dúvida sobre se é ilusório o crescimento econômico.

A recuperação do PIB vem sendo puxada por dois setores cuja expansão tem gerado poucos empregos: a agricultura e as exportações. A safra agrícola recorde é um dos motivos do aumento das exportações, mas, quando se trata de produtos manufaturados, a expansão não gera tantos empregos, pois deriva do desvio de parte da produção para o exterior: as fábricas continuam a operar com capacidade ociosa. Mas ainda insuficiente para reverter a recessão e o desemprego que se acumulam há dois anos no coração econômico do país.

O drama da política econômica é que não basta apenas evitar que a inflação pegue carona no reaquecimento das atividades econômicas. Sob a ótica de quem sofre a recessão — o empresário e o trabalhador — há grande urgência de crescer. Sobretudo porque também é preciso criar empregos para absorver a mão-de-obra que anualmente procura emprego (nascida há 18 anos, quando a população crescia acima de 2,5% ao ano).

Para se evitar a continuação da recessão e do desemprego que afligiram a economia brasileira desde 1981, permeados por uma crescente inflação, é necessário o prévio saneamento econômico que afaste do horizonte o fantasma da inflação. Mas o ritmo da internacionalização e da abertura da economia mundial não autoriza a esperança de que, mesmo que o perigo da inflação seja esconju-

rado, haja condições da retomada do crescimento com a mesma multiplicação anterior de empregos.

O Brasil não vive apenas uma recessão prolongada. Seus efeitos se prolongam porque a economia vem tendo dificuldades para se modernizar e competir em condições de igualdade com as economias que se modernizaram há mais tempo. Além de recuperar o atraso tecnológico pela falta de investimentos na indústria na década passada, o Brasil precisa resolver previamente a estabilização. Só as economias estáveis encorajam os empresários nacionais e estrangeiros a fazerem investimentos.

A consciência de que, com a abertura da economia, o Brasil não vai repetir os padrões de industrialização vigentes no pós-Guerra já está levando os empresários, o governo e os representantes dos trabalhadores a se reunirem em torno de grandes acordos setoriais que garantam a modernização do parque industrial e a oferta de emprego. A economia só voltará a ganhar escala com eficiência e produtividade.

O esforço de modernização, paralelo aos sacrifícios exigidos pela estabilidade, é que irá garantir condições de expansão duradoura para a economia brasileira. O processo de ajustamento da produção industrial é demorado e doloroso. A modernização de determinada linha de produção industrial costuma gerar desemprego naquela área. Foi assim com a indústria americana do aço no vale do Pittsburg nos anos 70.

O importante é que, no processo de modernização e informatização do parque industrial brasileiro, surjam oportunidades para absorver mão-de-obra em novas áreas industriais ou no setor de serviços. Neste sentido, a modernização industrial passa também pelos investimentos que permitam a readaptação dos trabalhadores em outras áreas. Ninguém se iluda: o trabalho de modernização é árduo e exige esforço redobrado de empresários e trabalhadores ao lado do governo. Mas, compensa.